

# Setenta e Cinco anos da primeira Escola de Arquitetura do Brasil

## **Cléo Alves Pinto de Oliveira**

Estudante do 7º período da Escola de Arquitetura da UFMG  
e-mail: [cleoalvespinto@ig.com.br](mailto:cleoalvespinto@ig.com.br)

## **Maini de Oliveira Perpétuo**

Arquiteta pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais.  
e-mail: [mainiop@uol.com](mailto:mainiop@uol.com)

## **Resumo**

O presente trabalho é fruto da pesquisa de iniciação científica “Arquitetura numa cidade moderna – ensino e produção (1930-1964)” através da qual é analisada a evolução da formação do arquiteto no Brasil, por meio do estudo de caso da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, entre os anos de 1930 e 1964, relacionando-a com a produção arquitetônica do período.

Em Agosto próximo a Escola de Arquitetura completará 75 anos de fundação. Esta data nos motiva a refletir sobre o papel desempenhado por essa Instituição, tanto no que diz respeito a evolução do ensino de arquitetura, quanto ao surgimento do modernismo vanguardista em Belo Horizonte.

Diante desta perspectiva, procurou-se analisar a trajetória da Instituição e a formação acadêmica de seus alunos e professores, com intuito de preservar sua memória e resgatar parte significativa não só da história belo-horizontina, como também da própria arquitetura brasileira.

## **Abstract**

This study aimed at investigating the evolution of architecture education in Brazil. Our primary focus was to document the work performed at the *School of Architecture* at UFMG between 1930 -1964, and to evaluate the impact of this work on the history of Brazilian Architecture.

In August/2005, this Institution will complete its 75<sup>th</sup> anniversary. This date inspire us to reflect upon the role of this School regarding the evolution of architecture education and the rise of modernism in Belo Horizonte.

In this way we studied the trajectory of the Institution and the academic development of its students and professors, with the purpose to preserve its memory and to recuperate an important portion of the history of Belo Horizonte, and the Architecture of Brazil.

**Palavras-Chave:** ensino, produção acadêmica, modernismo.

**Key-Words:** education, academic production, modernism.

Criada sob os desígnios do urbanismo neoclássico moderno vigente no século passado, Belo Horizonte, cidade planejada, foi gerada a partir de um ideal de modernidade, que propunha a ruptura a todo custo com o passado, identificando-se com o novo: a República que surgia. Assim, desde os primórdios de sua história, a cidade incorpora a lógica própria da modernidade, a sua rápida obsolescência e a constante transformação - aquilo que é velho tem que desaparecer.

Desta forma, perdeu-se grande parte do acervo da arquitetura realizada neste século em Belo Horizonte, com a rápida transformação de sua paisagem urbana. Assim, torna-se extremamente importante o registro da memória daqueles que produziram e produzem o espaço urbano na Capital.

Diante desta perspectiva, o papel desempenhado pela *Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais* é fundamental para o resgate dessa história. Foi em torno dela que se congregaram, a partir de 1930, tanto a geração de arquitetos já atuantes na Capital mineira quanto uma nova geração que daí emerge, inaugurando o modernismo arquitetônico vanguardista em Belo Horizonte.

Em Agosto próximo a Escola de Arquitetura completará 75 anos de fundação. Esta data nos motiva a resgatar a trajetória da Instituição e, por meio desta, refletir sobre a evolução do ensino de arquitetura e o desdobramento deste na produção arquitetônica belo-horizontina.

### **A formação da Escola de Arquitetura de Belo Horizonte**

Até a década de 30, Belo Horizonte contava com pouquíssimos profissionais de arquitetura, ficando os projetos a cargo dos desenhistas ou copistas, que se baseavam nos modelos e padronizações tipológicas defendidos pela Comissão Construtora da Nova Capital.

Em artigo do jornal Estado de Minas, de 1934, é possível perceber a situação reinante na cidade:

[...] Na construção de seus edifícios notáveis, um “que” de falta de gosto e de educação artística. A sua architectura não corresponde às suas necessidades de cidade moderna, falta-lhe a modelagem artística do architecto, os seus prédios não satisfazem em seu conjuncto, ressentem-se de falta de harmonia esthetica dando a impressão de que predominou a vontade exclusiva do proprietário leigo do que a arte de quem projetou. Há falta de luz e falta de linhas harmônicas e muita sobra de aberrações artísticas e amontoados de ornamentações sem nenhuma finalidade. [...] (CASTRO, 1934)

A cidade contava até então com três cursos de nível superior - medicina, direito e engenharia. Estes cursos foram reunidos em 1927, naquela que foi uma das primeiras universidades do país: a Universidade de Minas Gerais.

Diante da carência de outros cursos de nível superior, um grupo liderado por Luiz Signorelli, um dos arquitetos mais atuantes no cenário belo-horizontino da época, se reuniu com o objetivo de “[...] *organizar uma escola de formação de técnicos da arquitetura e profissionais das artes auxiliares, como decoradores, escultores e pintores*”. (FIGUEIREDO, 1946: 19)

Assim, em 05 de agosto de 1930, foi criada a *Escola de Arquitetura de Belo Horizonte*, sendo a primeira escola da América do Sul desvinculada das Escolas Politécnicas e de Belas Artes.

A história da instituição foi marcada desde o princípio por grandes dificuldades financeiras, tendo seus fundadores e professores que se quotizar para cobrir as despesas com aluguel, salários e aquisição de material didático. Como lembra Victor Signorelli, filho do Professor Luiz Signorelli: “[...] *eles lutavam com muita dificuldade porque a Escola não tinha verba. Papai vendia os móveis em casa para comprar pranchetas e cadeiras para os alunos, e acho que os outros professores faziam o mesmo [...]*” (SIGNORELLI, 2004)

A carência de recursos fez com que a Escola durante vários anos não tivesse sede própria, passando por inúmeras edificações até sua instalação definitiva no prédio atual, em 1954. O terreno onde foi erguida a atual sede foi doado à Escola de Arquitetura por Juscelino Kubitschek, na época prefeito de Belo Horizonte, e o patrimônio da Escola foi incorporado ao da Prefeitura Municipal.



FIG. 01 - Prédio do “Mercadinho”, sede provisória da E.A.  
Ao fundo vê-se a sede atual ainda em fase de construção. Década de 50



FIG. 02- Sede atual da Escola de Arquitetura, 1954

Além disso, pelo Decreto Municipal nº 151, de 28 de fevereiro de 1944, Juscelino criou o *Instituto de Belas Artes de Belo Horizonte*, que reuniu os cursos de arquitetura e Belas Artes, esse último liderado pelo artista plástico Alberto da Veiga Guignard. O Instituto previa a autonomia didática para os dois cursos, tendo o currículo da Escola de Arquitetura correspondência com o da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Quanto a Belas Artes:

[...] percebe-se aqui, perfeitamente, a presença de Guignard na elaboração do projeto, ao não aceitar o enquadramento da escola em qualquer estatuto ou regimento que equivalesse ao da ENBA. Na reunião das duas escolas da cidade, fica transparente a idéia de uma Universidade de Arte. Mas uma das escolas se subordina ao sistema nacional de educação e a outra se insurge contra ele. Essa ambivalência que vai forçar o fracasso do I.B.A., tomando cada escola o seu caminho desejado [...] (MOURA, 1993)

Entretanto, o fracasso do Instituto de Belas Artes não abalou o funcionamento da Escola de Arquitetura. No mesmo ano da criação do Instituto, mais precisamente no dia 19 de dezembro de 1944, a Escola obteve o reconhecimento pelo Governo Federal e teve seus diplomas aceitos em todo o território nacional. No ano da extinção do Instituto, em 1946, a Escola de Arquitetura foi incorporada à U.M.G. - passando a denominar-se Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, que contava até o momento com os cursos de Engenharia, Medicina, Farmácia, Odontologia e Direito.

Pouco tempo depois, pela Lei nº 971, de 16 de dezembro de 1949, a U.M.G. foi federalizada, mudando sua denominação para U.F.M.G. - *Universidade Federal de Minas Gerais*. A partir de então a Escola passa a contar com maiores recursos financeiros, e conseqüentemente, mais professores e alunos.

Em 1950 é criado o Curso de Especialização em Urbanismo, com base no Decreto Federal nº 7.198 de 31 de agosto de 1945. O curso tinha duração de dois anos e seu objetivo era “[...] a formação de especialistas na moderna e complexa ciência do urbanismo, aperfeiçoando os conhecimentos dos portadores de diploma de arquiteto, engenheiro arquiteto e engenheiro civil” (ESPECIALISTAS, 1950). O curso foi pioneiro no Brasil, a ponto de atrair a atenção de outras escolas de arquitetura do país, inclusive a da Universidade Nacional que para cá encaminhavam professores com a missão de estudar o seu funcionamento.

No ano de 1957, um novo curso de Belas Artes foi criado dentro da Escola de Arquitetura. A iniciativa partiu do Professor Sylvio de Vasconcellos que consultou o professor Jefferson Lodi:

[...] sobre a possibilidade de se criar um curso de artes, mais intenso, com processos e objetivos viáveis que esclarecessem os problemas estéticos, que tanto favorecessem a formação arquitetônica de nossas edificações, como paisagismo nos jardins, por exemplo. Todos os presentes concordaram com a idéia de que poderia ser criado um curso mais amplo de artes dentro da Escola. Levado o problema à Congregação, foi aprovado e criado o Curso de Artes. (ESCOLA, 1994)

Entretanto, tal medida desagradou aos alunos da Escola de Arquitetura, que se rebelaram contra o funcionamento do curso, alegando que esse teria sido criado de maneira irregular e considerando um retrocesso sua instalação, visto que a Escola de Arquitetura havia sido a primeira desvinculada das Belas Artes. Diante deste fato, foi feito um acordo entre a Congregação da Escola de Arquitetura e a Reitoria da Universidade no qual foi decidido que o curso de Belas Artes se desligaria do de arquitetura.

Quanto à pesquisa, devem ser registrados os primeiros esforços, em 1954, ocasião em que se criou o Serviço de Foto-Documentação da Escola de Arquitetura, “[...] iniciando a documentação fotográfica do acervo arquitetônico e artístico de Minas Gerais” (MAZONI, 1980). E em 1959, foi inaugurado um núcleo de assessoramento à pesquisa, sob supervisão do Professor Sylvio de Vasconcellos. Inicialmente voltadas para pesquisas bibliográficas, estas brevemente se transformam em apoio didático na medida em que passam a se servir dos serviços do Laboratório de Foto-Documentação e da Gráfica.

O Serviço de Foto-Documentação e a gráfica, que até então havia editado poucos livros, foram impulsionados pela Seção de Pesquisas, passando a funcionar em ritmo frenético. Nessa oportunidade são iniciadas as edições Escola de Arquitetura que entre 1961 e 1963 apresentam 67 títulos cujos autores, em sua maioria professores da Escola, que tinham sua competência reconhecida nacional e internacionalmente. A Seção de Pesquisa e a Gráfica funcionaram ativamente até o seu fechamento em 1964, quando o professor Sylvio de Vasconcellos foi afastado por ocasião do Golpe Militar.

O período do Golpe é lembrado por grande parte dos ex-alunos e ex-professores como o pior momento pelo qual a Escola de Arquitetura já passou. Os alunos, em protesto, fecharam os acessos da Escola e vedaram suas janelas com pranchetas de madeira, de modo que quem estivesse do lado de fora não pudesse ver o interior. Eles ficaram alojados na Escola, e só saíram com a entrada da Polícia, e que resultou na detenção de vários alunos, inclusive o presidente do D.A. na época.

Após a entrada da polícia a Escola voltou a funcionar "normalmente" tendo, entretanto, uma base do Exército instalada dentro da Escola. Como lembra Celso de Vasconcellos Pinheiro:

Foi tragicômico, porque houve o Golpe, e cheguei na Escola e não podia entrar, a Escola estava toda cercada de metralhadoras e um dia depois, dois dias depois, permitiam que as pessoas entrassem se fossem identificadas. Então o ambiente na Escola era de um velório. Agora o lado cômico: havia uma denúncia de que a Escola tinha um arsenal de guerra, para fazer uma contra-revolução. Como é que esse golpe durou quarenta anos? (PINHEIRO, 2004)

Essa situação "tragicômica" a que o professor Celso Pinheiro se refere fica ainda mais clara lendo-se o edital de citação publicado em 24 de junho de 1966, responsável pelas acusações contra o professor Sylvio de Vasconcellos, e que teve como desfecho o seu exílio para os Estados Unidos. O mesmo encontra-se transcrito abaixo:

Sylvio Carvalho de Vasconcellos, principalmente quando diretor da Escola de Arquitetura da UMG, facilitou, acompanhou, permitiu, tomou parte, consciente e deliberadamente, em todas as atividades comunizantes ou cubanizantes, dentro e fora da Escola que dirigia, tentando mudar a ordem política e social estabelecida na Constituição e a tomada de poder; os estudos da sua Escola, orientados do estrangeiro, da Rússia, de Cuba ou da Tchecoslováquia, tinham livre trânsito em sua Escola; nela, com a sua participação havia também, livre trânsito e circulação de jornais, revistas, boletins, panfletos, todos subversivos e comunizantes ou cubanizantes, ostensivamente e cartazes que ofereciam aulas de marxismo, também ostensivamente; duas vezes por semana, pelo menos, aos favelados de Belo Horizonte iam para a sua Escola, para se doutrinarem com a pregação revolucionária, de origem espúria e estrangeira; tocavam-se discos cubanos, com hinos e discursos de Fidel Castro; e foi na sua Escola

que se imprimiram os exemplares primeiros “DOCUMENTO BASE” de pregação revolucionária da Ação Popular (A.P.), organização que os organismos nacionais de segurança já definiram como a reserva do Partido Comunista. (DIÁRIO, 1966)

Desde sua fundação a Escola de Arquitetura trilhou um longo e árduo caminho, marcado por grandes dificuldades financeiras, por lutas pela aquisição de uma sede própria e pelo seu reconhecimento por parte Governo Federal. A história da Instituição foi marcada também por grandes conquistas, destacando-se a sua incorporação à UFMG e a criação do Curso de Especialização em Urbanismo e dos órgãos de apoio à pesquisa, como a Gráfica e o Serviço de Foto-Documentação, que alcançaram reconhecimento em todo o país. Infelizmente, tal trajetória foi drasticamente abalada pela ocasião do Golpe Militar de 1964, que modificou profundamente a vida acadêmica na Instituição.

### **A formação das primeiras gerações de professores e alunos da Escola de Arquitetura**

Em 1930, quando da criação da Escola de Arquitetura, vivia-se um momento muito rico da história da arquitetura e da arte no Brasil. Ainda sentia-se a repercussão da Semana de Arte Moderna de 1922, os preceitos da arquitetura moderna começavam a ser difundidos no Brasil e o conhecimento técnico-científico estava cada dia mais avançado. Estes acontecimentos, cedo ou tarde influenciariam o ensino de arquitetura e a mentalidade dos professores e alunos da Escola de Arquitetura.

A Instituição foi formada por profissionais de diferentes áreas - arquitetos, engenheiros, artistas, advogados e médicos - cada qual contribuindo com seu conhecimento específico para a formação do arquiteto generalista.

A maioria dos profissionais que fundaram a Escola de Arquitetura era constituída de engenheiros que se encarregaram de lecionar as disciplinas técnicas e de cálculo. Porém, alguns deles, como Luiz Signorelli, arquiteto, e Aníbal Mattos, pintor, cursaram a Escola Nacional de Belas-Artes, instituição tradicional e certamente a mais prestigiada do país em termos de formação artística. Sendo uma instituição que nasceu com a vinda da Missão Francesa para o Brasil e sob a influência direta de seus membros, pregava-se o academicismo nas artes, inculcando em seus estudantes o apuro do traço, das proporções e das ordens clássicas.

A primeira geração de professores apresentava uma forma de ensino tradicional, sem participação dos estudantes. O ex-aluno (de 1955 a 1959) e ex-professor Ronaldo Masotti

atribui a didática adotada à formação própria da época: *“Os catedráticos fundadores já eram idosos, já estavam de cabeça meio branca, tinham aquela postura dos professores de antigamente, de ficar num trono, num pedestal, os alunos abaixo. Não para punir ninguém, mas porque era assim”* (MASOTTI, 2004). Por outro lado, ele diz que a formação dos fundadores era mais completa, tendo um caráter mais humanístico e que quase todos sabiam discutir assuntos variados, eram mais cultos.





FIG. 03 - Professores em solenidade na Escola de Arquitetura. Década de 50.

No início, eram raros os professores que procuravam inovar nos métodos de ensino, avaliação ou mesmo temas para *Grandes Composições de Arquitetura*, disciplina que corresponderia atualmente a de “Projeto”. Segundo Raphael Hardy Filho, aluno entre os anos de 1931 em 1937 e ex-professor da Escola de Arquitetura, o tema mais original proposto enquanto ele era estudante foi a elaboração de um projeto para um farol em alto mar, sendo que muitos dos alunos sequer conheciam o mar. (HARDY, 2004)



FIG. 04 – Alunos em aula de *Grandes Composições de Arquitetura*. Década de 50.

O perfil dos professores começou a mudar quando os primeiros alunos formados pela Escola retornaram à instituição para nela lecionarem. Entre eles estavam Shakespeare Gomes, Raphael Hardy Filho, Sylvio de Vasconcellos e Eduardo Mendes Guimarães.

Segundo Ivo Porto de Menezes, que estudou na Escola entre 1950 e 1954:

Nós tínhamos as aulas práticas, de Projeto, geralmente com professores mais atualizados, mais novos. Tive excelentes professores nesse campo. Eram professores muitos deles ainda sem grande tradição de ensino e conseqüentemente mais liberdade. Por isto, os alunos tinham melhor acesso a eles para perguntar, para indagar e até ir a seus escritórios para conversar, inclusive sobre o trabalho que estavam executando. (MENEZES, 2003).

Entretanto, entre as duas gerações que formavam o corpo docente da Escola – fundadores e ex-alunos – existia um conflito no que diz respeito aos métodos de ensino e opiniões pessoais quanto aos rumos que a arquitetura vinha tomando. Enquanto os professores mais novos inclinavam-se para a arquitetura moderna, os antigos mantinham-se fiéis a estilos consolidados, como o *Art Déco*.

Se a modernidade *déco*, dominante na cena belo-horizontina nos anos 30 e 40, ainda trabalhava com soluções de compromisso, combinando estilemas modernos com esquemas tradicionais, o conjunto da Pampulha parece marcar a chegada à cidade dessa nova atitude moderna – vanguardista -, que se tornaria hegemônica a partir dos anos 50. (CASTRIOTA, 1998:28)

A diferença de postura pode ser percebida claramente em texto escrito pelo arquiteto e fundador Professor Luiz Signorelli:

Aproveitando o ensejo de vos falar, confesso com sinceridade a reserva com que a princípio recebi os primeiros rebates da nova arquitetura, para com um tempo relativamente curto aceitá-la sem restrições. Diante de tão palpitante assunto devo dizer que mantereí sempre como ponto de vista aplicar no moderno a proporção clássica nas suas manifestações, adaptando-as do nosso meio. Com o aparecimento de um novo sistema construtivo revolucionador da arquitetura até então preconizada dando ao arquiteto mais arrojo nas suas concepções, empregando nas linhas e nas ornamentações maior simplicidade. Na proporção clássica poder-se-á fazer do mais extravagante e bizarro ao mais moderado e sóbrio dependendo apenas da aplicação inteligente dos motivos geométricos, do uso dos materiais decorativos, como o vidro, o ferro, o mármore.  
(SIGNORELLI, 19??)<sup>1</sup>

Tal conflito estendia-se também às salas de aula. Ivo Porto de Menezes lembra de um episódio ocorrido na disciplina *Desenho Artístico*, lecionada por Raffaello Berti. Segundo ele, o professor propôs como tema da prova o projeto de uma “Porta de Banco”. “*O professor havia dito que ele não era moderno, não gostava muito da arquitetura moderna, era mais tradicional e quem fizesse moderno, daria zero*” (MENEZES, 2003). Mesmo assim Ivo e alguns outros colegas não conseguiram seguir a orientação do professor e fizeram portas simples, com linhas mais puras. Pois foram estes alunos que conseguiram a nota máxima: “[...] *ele simplesmente viu nosso trabalho e deu valor ao trabalho, apesar de não ser dentro do espírito dele; ele não faria aquilo. Respeitou o nosso pensamento*” - conta o ex-aluno.

---

<sup>1</sup> Texto de Luiz Signorelli citado por Victor Signorelli em entrevista para o Projeto Memória da Arquitetura e da Construção Civil em Belo Horizonte, em 27/04/1998.

Nos exemplares da Revista *Arquitetura - Engenharia, Urbanismo, Belas-Artes e Decoração*, criada pelo órgão oficial dos alunos da Escola no ano de 1946, fica nítido esse período de transição no ensino e na produção arquitetônica. Na publicação eram divulgados projetos de alunos desenvolvidos nas disciplinas de *Grandes Composições de Arquitetura*, *Pequenas Composições de Arquitetura* e *Arte Decorativa*, as quais apresentavam orientações distintas.

Os trabalhos executados na disciplina *Arte Decorativa* seguiam uma linha tradicional, fundamentada no uso de elementos clássicos e proporção áurea. Certamente a formação artística clássica dos professores Aníbal Mattos e Raffaello Berti era responsável por este direcionamento e se refletia também nos temas propostos: “Um púlpito bizantino”, “Um púlpito Romano”, “Portão de Entrada para um Parque”, “Túmulo”, “Altar Neo-Clássico”, entre outros.

Em relação aos projetos realizados nas disciplinas *Grandes Composições de Arquitetura* e *Pequenas Composições de Arquitetura* predominava a estética modernista, através do emprego de elementos como lajes planas e delgadas, telhados ‘borboleta’, rampas, brises e pilotis. Os demais projetos apresentavam características transitórias: utilizavam o vocabulário modernista mesclado a composições simétricas, baseadas na rigidez dos eixos e nas proporções clássicas.

Os trabalhos publicados pelos alunos refletem o que há de mais característico na arquitetura do período: a coexistência de estilos – desde o ecletismo, o *art déco*, o neocolonial, até os primeiros exemplares do modernismo vanguardista. É possível identificar um leque de concepções, no qual as áreas de interpenetração se sobressaem a uma oposição frontal entre estilos. A única certeza era o esgotamento do academicismo classicizante do início do século.

Aqui cabe perceber que, se, num primeiro momento, a modernidade anunciada pela Pampulha significa uma ruptura com o classicismo - que ainda se insinuava no *déco* - e com o horizonte de expectativas do público, ela não vai se caracterizar por uma atitude de ruptura convulsiva com a tradição, típica das vanguardas do início do século. Neste sentido, tanto o próprio Niemeyer quanto os jovens modernistas recém-egressos da Escola de Arquitetura em Belo Horizonte viam-se, na esteira das formulações de Lúcio Costa, muito mais como continuadores da boa tradição construtiva brasileira do que como agitadores vanguardistas. (CASTRIOTA, 1998:29)

Além do hibridismo entre estilos, nota-se também uma grande dissociação entre teoria e prática nas disciplinas. Tal fato era constantemente abordado pelos alunos da Escola de

Arquitetura no jornal P.V. – Ponto de Vista, informativo de circulação interna publicado por um grupo de alunos nos primeiros anos da década de 50. Neste, as opiniões eram expressas de forma contundente:

Achamos muito interessante o curso de maquetes que é ministrado na Escola de Arquitetura da USP. É ministrada também, aos sábados, uma aula prática de construção onde, sob a orientação de um mestre competente aprendem como se deve assentar bem um tijolo, fazer amarrações, colunas, etc.[...] Ao contrário, vemos sair de nossa Escola muitos Engenheiros-Arquitetos que não sabem nada na prática, mas apenas na teoria, tomando verdadeiros “bailes” dos incultos pedreiros. (PONTO DE VISTA – P. V., 1952?)

Ainda, segundo Ronaldo Masotti, o curso de Arquitetura possuía um grave problema de integração entre as disciplinas, pois estas eram extremamente dispersas e não apresentavam nenhum tipo de relação.

Com o intuito de aprofundar tais questões, procurou-se investigar a abordagem das disciplinas teóricas, técnicas, artísticas e de projeto na Escola de Arquitetura.

As disciplinas de projeto dividiam-se entre *Grandes e Pequenas Composições de Arquitetura*. Nestas, como relata Ronaldo Masotti, os alunos executavam trabalhos práticos muito abstratos, sem nenhuma contextualização e no último mês de cada semestre eram realizadas provas parciais nas quais os alunos tinham de um a três dias para elaborar, dentro de sala de aula, um projeto cujo tema era surpresa.

Quanto à avaliação, os alunos não tinham conhecimento sobre os critérios usados pelos professores para avaliar os projetos.

[...] quando a gente estava fazendo o primeiro ano de projeto, o pessoal falava: “Quando vocês fizerem o segundo - quem dava aula era o Shakespeare Gomes - vai ser ótimo porque ele comenta e corrige!”. Quando chegava lá, ele devolvia o trabalho e te anotava: “Planta: boa. Fachada: razoável”. [risos] Isso quando era bem longo! Assim, você aprendia porque tinha vontade de aprender. (MASOTTI, 2004)

Não havia nenhuma instrumentação prévia dos estudantes em desenho técnico antes de cursarem as disciplinas de *Composições de Arquitetura*. De acordo com Masotti aprendiam-se as convenções de desenho arquitetônico em escritórios ou com alunos mais experientes. Quanto às disciplinas técnicas, há ex-alunos que acreditam que a formação dada pela Escola foi sólida, tendo contribuído no início da carreira. No caso da disciplina *Física Aplicada*, Celso de Vasconcellos Pinheiro relata:

[..] a nossa física chamava-se Física Aplicada. Não tinha aquele negócio de teorias e fórmulas. A gente estudava iluminação, condicionamento de ar, acústica. Estudava isso então saía com um conhecimento muito grande. Não com detalhes, mas a gente sabia o que era importante nisso. Se nós tivéssemos que fazer um projeto, saberíamos aonde buscar informações mais modernas sobre o conceito de conforto. (PINHEIRO, 2004)

As disciplinas artísticas possuíam uma abordagem clássica. As atividades realizadas em *Desenho Artístico*, segundo depoimentos, resumiam-se a executar desenhos de bustos de gesso existentes na Escola. A disciplina *Modelagem* não tinha um enfoque muito diferente, uma vez que os alunos faziam cópias de modelos em argila. A queixa usual dos estudantes diz respeito ao fato de que essas disciplinas, por sua natureza criativa, pouco desenvolviam a criatividade dos alunos.

Na escola da Universidade de São Paulo, notamos principalmente a eficiência do curso de modelagem (plástica) no qual não se aprende a modelar folhas, flores, bustos ou dentaduras, etc..., mas, dados diversos sólidos os alunos estudam a melhor disposição de volumes. Isto será de grande ajuda para seus futuros projetos. Hoje não mais necessitamos de esculpir figuras humanas ou flores em fachadas, para isso existe o curso de Belas Artes. (P. V., 1952?)

Quanto às disciplinas teóricas ministradas na Escola, observa-se grandes diferenças de abordagem e metodologia de ensino.

Na cadeira *Arquitetura Analítica*, era enfocada a evolução dos estilos arquitetônicos ao longo da história, atendo-se aos aspectos estéticos da edificação e ao emprego dos materiais de construção e revestimentos. Por meio das anotações de aula<sup>2</sup>, percebe-se a orientação da disciplina, na qual eram estudados os estilos arquitetônicos detalhadamente, sempre seguindo uma ordem pré-determinada: começava-se introduzindo os aspectos sociais e físicos do local em questão, passando por elementos compositivos usados - como a descrição minuciosa das ordens clássicas - e por fim a análise de alguns edifícios significativos. O programa da disciplina restringia-se aos estilos antigos, enfatizando exageradamente alguns deles, como é o caso do gótico, que era subdividido em 6 categorias: francês, inglês, alemão, italiano, espanhol e português.

A arquitetura moderna era abordada de maneira superficial. Em um dos cadernos de anotação de aula são expostos alguns preceitos teóricos, principalmente em relação a Le Corbusier e Walter Gropius. Há croquis de projetos de Rino Levi, Oscar Niemeyer e Afonso Eduardo Reidy, entre outros.

---

<sup>2</sup> Cadernos de alunos da disciplina *Arquitetura Analítica* predominantemente da década de 50.

Parte da carga horária da disciplina *Arquitetura Analítica* era reservada para atividades práticas, orientadas por um Professor Assistente. Durante as aulas os alunos reproduziam pranchas da coleção inglesa *Bunnister* - uma compilação de livros e pranchas ilustradas com toda a história da arquitetura. Ronaldo Masotti relata que apesar dos estudantes considerarem uma inutilidade executar as cópias, foi nesta disciplina que ele aprendeu a pregar o papel na prancheta, a usar esquadro e a escala.

Práticas como essa eram repudiadas pelos alunos, como registrado no jornal P.V.:

Eu quero dar o grito de alarme. A Escola está anestesiando, sufocando e escravizando os alunos de arquitetura. Estão sendo transformados em autômatos reprodutores de fórmulas antiquadas e quinquilharias de arquitetura. É a campanha da imbecilização: tornar os alunos mais boçais e burros para que os professores possam brilhar e ter uma vida mais sossegada [...] Queremos a liberdade de procurar nos livros aquilo que a Escola não ensina ou ensina mal. (P. V., 1952?)

Por outro lado, a disciplina *Arquitetura no Brasil* possuía um enfoque diferenciado. A cadeira era ministrada pelo catedrático Sylvio de Vasconcellos, considerado um dos mais competentes professores da época. Nesta, os alunos eram incentivados a ler, pesquisar e debater não só os assuntos diretamente ligados ao tema da disciplina, mas também quaisquer outros que se relacionassem a esses.

A cadeira de “Arquitetura no Brasil” abria um painel amplo e livre aos fundamentos da arquitetura e, não raro, era a oportunidade de os alunos questionarem toda a ortodoxia acadêmica ministrada nas demais disciplinas. Não é demais afirmar que o Professor, então, conseguia uma atividade letiva de nível realmente universitário (MASOTTI, 1979:25).

Sylvio de Vasconcellos foi talvez o primeiro professor a inovar nos métodos de avaliação. Numa época em que esta era composta apenas por provas escritas e orais, ele propunha trabalhos com temas de livre escolha, desde que o assunto estivesse relacionado com o programa da disciplina. Segundo Ivo Porto de Menezes, os alunos deveriam elaborar uma pequena monografia e, apesar de terem que fazer a prova para cumprir as normas, a nota valia mesmo para o trabalho. Assim, este aspecto mostra que a inovação não aconteceu facilmente.

A falta de integração entre as disciplinas e sua distribuição ao longo do curso é levantada em 1954 pelo seu então diretor, Aníbal Mattos, no relatório de atividades da Escola:

Não achamos que seja suficiente a apresentação apenas, por parte dos senhores professores, dos programas de suas cadeiras. Torna-se necessário saber-se quais as que, por sua natureza, deverão ser conjugados com os de outras cátedras. Naturalmente deverão ser estabelecidos grupos diferentes de cadeiras que tenham correlação com as outras para que os seus professores, em reunião conjunta, resolvam esses assuntos.

Já têm sido corrigidos alguns programas, que estavam repetindo a matéria de outras cadeiras e que nem puderam servir de base para a relação de concursos, tal a sua deficiência. (MATTOS, 1955: 11).

Esta questão foi novamente discutida em 1961 quando da realização do I Encontro de Arquitetura que aconteceu na Escola para discutir o ensino de arquitetura. O evento teria o objetivo de trocar opiniões e estudar os problemas propostos e não de estabelecer normas e resoluções definitivas. Segundo Sylvio de Vasconcellos: *“As substanciais transformações sofridas pela arquitetura na 1ª metade do século, tanto do ponto de vista técnico como plástico, vêm reclamando desde muito, uma reformulação de seus conceitos básicos e dos métodos e processos adotados para a formação do arquiteto”*. (ENCONTRO, 1961)

Segundo os participantes do evento, o ensino de arquitetura deveria adequar-se aos fins sociais que visa e para alcançar esse objetivo, a formação do arquiteto deveria ser compreendida como um todo orgânico, estreitamente ligado à realidade profissional (ENCONTRO, 1962). Assim, conclui-se que as disciplinas de composição deviam constituir o eixo fundamental do curso. Para que estas fossem realizadas de forma efetiva e integral, recomendava-se, entre outras medidas, que fosse,

no setor das técnicas, feita uma programação das matérias condicionada ao caráter conceitual e sintético que deve ter na formação do arquiteto e, nas culturais, uma suficiente informação no plano das ciências humanas. [...] Que seja assegurada, pela criação de departamentos horizontalmente estruturais, a organização de programas que visem a unidade da formação do arquiteto, cabendo aos departamentos de tipo vertical os aspectos administrativos dos currículos, além de manter a continuidade do curso. (ENCONTRO, 1962)

Uma grande dificuldade enfrentada pelos alunos em todas as disciplinas era a falta de livros-texto, que fazia com que eles dependessem muito das anotações feitas na aula. No 2º número do jornal P.V., de novembro de 1951, um dos alunos critica:

Achamos que o professor poderia, na aula, aproveitar mais o tempo, fazer maiores comentários, ilustrar mais o assunto, tornando-a bem mais interessante e instrutiva. [...] Mesmo professores como Mazoni e Boltshauser ditam suas aulas. É pena, pois com a cultura e talento que têm, poderiam dar belas aulas, verdadeiras conferências Mas não, preferem perder um tempo enorme com tais ditados. Poderiam argumentar com a falta de livros práticos sobre a matéria; mas, como já dissemos, temos o recurso da apostila, que poderia conter o essencial do assunto.

Francamente, não vemos nenhuma vantagem, mas só desvantagens nas aulas ditadas. (P. V., 1951)



FIG. 05 – Alunos assistindo aula teórica. Década de 50.

Este problema foi minimizado na década de 50 com a implantação da Seção de Pesquisa, do Serviço de Foto Documentação e da Gráfica da Escola, criados pelo Professor Sylvio de Vasconcellos. Nesta última eram publicados e impressos livros escritos pelos professores, os quais serviam de base para o ensino das disciplinas e divulgavam o conhecimento produzido na instituição. Estes órgãos tiveram extrema importância não só na Escola, mas também no país, tendo atingido grande prestígio.

Entretanto, grande parte da estrutura de ensino e pesquisa montada principalmente a partir da segunda metade da década de 50, foi desfeita por ocasião do Golpe Militar de 1964. Tal acontecimento afetou profundamente não só a vida acadêmica da Escola, como também o ambiente intelectual devido ao clima de insegurança política instaurado.

Outro acontecimento que trouxe mudanças significativas para a Instituição foi a Reforma Universitária em 1969, principalmente com relação à criação dos departamentos. Como consequência, o ensino de arquitetura passou a ser responsabilidade de dezoito departamentos pertencentes a sete Unidades Universitárias e assim, a Escola de Arquitetura passou a sediar apenas quatro deles, estrutura que se mantém até os dias atuais.



## **Considerações Finais**

Desde sua fundação a Escola de Arquitetura trilhou um caminho paralelo à evolução da própria arquitetura moderna brasileira, passando do academicismo ao experimentalismo modernista. As obras pioneiras de Lúcio Costa e Niemeyer, especialmente a partir do advento da Pampulha na década de 40, constituíram o grande referencial para as primeiras gerações de alunos daí egressos. A influência modernista, talvez por sua natureza doutrinária, ainda é latente no ensino ministrado na instituição, tendo os estudantes até hoje dificuldade de se desvincular de seus preceitos.

Nos 75 anos dessa que foi a primeira escola de arquitetura do país, cabe destacar o pioneirismo de seus fundadores. Sem tal iniciativa não teria sido possível o surgimento de uma arquitetura moderna autêntica no estado. Assim, muito do que a arquitetura mineira se tornou se deve aos profissionais que nela lecionaram e estudaram.

Desse modo, a preservação da memória da Escola de Arquitetura constituiu fator primordial para a construção da identidade da Instituição, bem como para a consciência de sua trajetória e importância para a história da arquitetura brasileira.

## Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Maria das Mercês Vasques (org). Encontro regional de professores de Teoria da Arquitetura. Belo Horizonte: Departamento de Análise Crítica e Histórica da Arquitetura da Escola de Arquitetura, 1990.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). Arquitetura da Modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CASTRO, José. Pelo Reconhecimento Oficial da Escola de Architectura. Belo Horizonte: Estado de Minas, 16/01/1934.

DIÁRIO OFICIAL. Edital de Citação. Justiça Militar - auditoria da 4ª R.M. de 24/06/66.

ENCONTRO de Arquitetura, Belo Horizonte: Escola de Arquitetura, 1961

ENCONTRO de diretores, professores e alunos de arquitetura. São Paulo: FAU-USP, 1962

ESCOLA de Belas Artes 37anos. Ponto e Linha. Informativo da Escola de Belas Artes. Edição Comemorativa, nº14, ano I. Belo Horizonte, 1994.

ESPECIALISTAS em urbanismo. Belo Horizonte: Estado de Minas, 21 de Abril de 1959

FIGUEIREDO, João Kubitschek de. A Escola de Arquitetura e sua história. Belo Horizonte: Arquitetura, Engenharia, Urbanismo, Belas Artes e Decoração. Ano I, Set/Out. 1946.

HARDY, Raphael. Raphael Hardy: inédito. Belo Horizonte, 2004. Entrevista concedida a Cléo Alves Pinto de Oliveira e Maini de Oliveira Perpétuo.

MASOTTI, Ronaldo. Ronaldo Masotti: inédito. Belo Horizonte, 2004. Entrevista concedida a Cléo Alves Pinto de Oliveira e Maini de Oliveira Perpétuo.

MATTOS, Aníbal. Atividades da Escola de Arquitetura: relatório apresentado pelo diretor, ano de 1954. Belo Horizonte: Serviço Gráfico da Escola de Arquitetura, 1955.

MAZZONI, Marcos. Laboratório de Foto-Documentação. Belo Horizonte: ACR Edita, 1980.

MENEZES, Ivo Porto. Ivo Porto de Menezes: inédito. Belo Horizonte, 2003. Entrevista concedida a Cléo Alves Pinto de Oliveira e Maini de Oliveira Perpétuo.

MOURA, Antônio Paiva. Memória Histórica da Escola Guignard. Belo Horizonte: Usina de Livros, 1993.

PINHEIRO, Celso de Vasconcellos. Celso de Vasconcellos Pinheiro: inédito. Belo Horizonte, 2004. Entrevista concedida a Cléo Alves Pinto de Oliveira e Maini de Oliveira Perpétuo.

SIGNORELLI, Victor. Victor Signorelli: inédito. Belo Horizonte, 2004. Entrevista concedida a Cléo Alves Pinto de Oliveira e Maini de Oliveira Perpétuo.

SIGNORELLI, Victor. Victor Signorelli: inédito. Belo Horizonte, 1998. Entrevista concedida para o Projeto Memória da Arquitetura e da Construção Civil em Belo Horizonte. Parceria entre CRAV- PBH, IAB/MG e UFMG.

Exemplares do Jornal Ponto de Vista – P. V. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura. Década de 50.

Exemplares da Revista Arquitetura- Engenharia, Urbanismo, Belas Artes e Decoração. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura. Década de 50.